

FIN STUDIO

Finanças acessíveis

Setembro - 2024

Principais eventos do mês:

Brasil:

- **Cenário Político:** As campanhas eleitorais se intensificaram, com um viés mais populista, o que pode gerar num futuro não muito distante um desequilíbrio fiscal resultando em aumento da inflação.
- **Bets e Bolsa Família:** Estudo revelou que, em agosto, R\$ 3 bilhões do Bolsa Família foram gastos em apostas, o que gerou preocupação em relação ao endividamento da população.
- **Aumento da Taxa SELIC:** O Comitê de Política Monetária aumentou a taxa de juros em 0,25%, para 10,75% ao ano, visando controlar a inflação. Isso pode atrair investimentos estrangeiros, mas sem garantia de estabilidade.
- **Recuperação Judicial da Agrogalaxy:** Empresa do agronegócio pediu recuperação judicial, afetando bancos e fundos do setor, gerando um alerta sobre a confiança nesse setor.

Mundo:

- **Corte de Juros nos EUA:** O Banco Central dos EUA cortou a taxa de juros pela primeira vez no ano, num corte de 0,50%, para um intervalo entre 4,75% e 5%, com o objetivo de estimular a economia e evitar uma recessão. Canadá, Inglaterra e União Europeia também reduziram suas taxas de juros, marcando o início de uma normalização econômica pós-pandemia.
- **Política nos EUA:** Debate presidencial entre Donald Trump e Kamala Harris teve tom baixo, gera ruído no curto prazo, mas o impacto de longo prazo é reduzido.
- **China:** Anunciou novos estímulos para tentar reaquecer sua economia, enquanto a Índia surge como um possível substituto de crescimento acelerado no cenário global.
- **Conflito no Oriente Médio:** A guerra entre Israel e grupos terroristas, como Hezbollah e Hamas, escalou, aumentando os preços do petróleo.
- **Como isso afeta seu dia a dia?**
 - O aumento nos juros no Brasil torna mais caro o endividamento do brasileiro e do país. Por outro lado, pode trazer recursos externos de olho em ganhos de curto prazo. Já a queda de juros em grande parte dos países desenvolvidos mostra uma normalização da economia.
 - Ainda nesse aspecto, a incerteza sobre o tamanho desse novo ciclo não é consenso no mercado. Por essa razão, o volume de emissões de crédito privado subiu, motivado por uma necessidade de renegociação das dívidas antigas, mais caras,

cujos vencimentos serão dentro desse atual ciclo de aperto monetário. Boas oportunidades de alocação em empresas menos sensíveis à taxa de juros ou aos ciclos econômicos.

- Os estímulos da China, nosso principal parceiro comercial, tendem a ser positivos, o que pode favorecer nossas vendas e aumentar o fluxo de dólares entrando na economia.

Brasil

No mês de setembro no Brasil, as campanhas políticas se intensificaram com a proximidade das eleições municipais e, apesar de trazer pouco impacto ao mercado financeiro no curto prazo, demonstram que as eleições se tornaram mais um circo midiático do que de fato um debate de ideias. As eleições municipais tendem a mostrar comportamentos dos eleitores que virão a se repetir nas eleições em dois anos, sendo prudente ficarmos atentos aos movimentos demonstrados agora. Vemos tendências populistas ganhando força, o que gera potenciais problemas fiscais e, posteriormente, inflação.

Pipocam notícias sobre as *bets*, com um estudo do Banco Central apontando que, apenas em agosto, R\$ 3 bilhões oriundos do Bolsa Família, aproximadamente 20% do total de benefícios concedido naquele mês, foram gastos em apostas dessa espécie. Embora isso esteja tomando grandes proporções, especialmente para população mais carente vemos movimentos de regularização de casas de apostas, o que ao mesmo tempo pode ser uma forma de arrecadação ou uma maneira de controlar o problema, dado que, aparentemente, não pode ser evitado. Fica o alerta para o perigo que isso pode ter no orçamento doméstico, com algumas pesquisas sugerindo que gastos essenciais já diminuam por conta disso.

Tivemos nesse mês a reunião do Comitê de Política Monetária (“COPOM”), que decidiu, por unanimidade, aumentar a taxa básica de juros da economia (“SELIC”) em 0,25%, para 10,75% ao ano. Na ata da reunião o colegiado aponta que os modelos indicam inflação acima da meta, por isso a mudança na tentativa de contê-la. Como veremos mais adiante esse movimento destoa de vários países, que tiveram redução nas suas taxas de juros.

O referido aumento de juros por aqui, em movimento contrário ao que se vê no resto do mundo, pode atrair dinheiro especulativo em busca de ganhos com o diferencial de juros nos países (“CARRY TRADE”). Tal movimento pode ser positivo no curto prazo, com a entrada de dólares na economia, porém o cenário é incerto e repleto de variáveis.

Em setembro tivemos também o pedido de recuperação judicial da empresa Agrogalaxy, do agronegócio, afetando alguns bancos credores e Fundos do Agronegócio (“FIAGRO”), além de cotistas dos fundos em questão, que amargaram prejuízos. Embora pequeno, liga um alerta para investidores dado que o agro sempre foi tido como um setor pujante da nossa economia, responsável por uma parcela relevante da nossa balança comercial. Vale

também o alerta que esse tipo de evento não são a regra, e geralmente afetam outros fundos e empresas, é importante saber separar o joio do trigo.

Mundo

Sem dúvidas o evento mais importante do mês foi a reunião do Comitê de Política Monetária dos Estados Unidos ("FOMC") que decidiu abaixar a taxa básica de juros da economia ("FED FUNDS RATE") em 0,50%, para um intervalo entre 4,75% e 5% (por lá eles funcionam com um intervalo, e não com um número específico como no Brasil). Por ser a principal economia do mundo, essa decisão impacta todos os países.

Essa queda era amplamente aguardada pelo mercado, porém não se sabia qual seria a sua magnitude. No final de 2023 eram projetadas diversas quedas de juros nos EUA, que acabaram não se concretizando, sendo essa a primeira do ano e em muito tempo.

Lembrando que nos EUA o Banco Central ("FED") tem um duplo mandato, de inflação e empregos, diferente do Brasil, com foco apenas na inflação, e isso torna seus movimentos bem mais complexos.

Com a inflação projetada mais controlada, o FED volta seus olhares para o mercado de trabalho, estimulando a economia com esse corte, para tentar buscar o tão sonhado, pelo mercado, pouso suave ("SOFT LANDING"), que seria apenas uma desaceleração leve da economia, sem entrar em recessão, ou seja, queda do produto interno bruto ("PIB").

Além dos EUA, outras economias desenvolvidas também cortaram juros, como Canadá, Inglaterra e União Europeia, de certa forma decretando o fim da pandemia do coronavírus para o mercado financeiro, dado que esse ciclo começou junto da pandemia, com economias baixando juros agressivamente, tendo inflação na sequência e aumentando juros para contê-la, agora começando uma normalização das taxas de juros.

Nos EUA ainda tivemos o, provavelmente, único debate presidencial entre os candidatos Donald Trump e Kamala Harris, que assim como no Brasil, extrapolou o debate de ideias, com ataques pessoais e *fake news*. Embora as eleições presidenciais por lá tragam bastante volatilidade de curto prazo, para investimentos de longo prazo elas impactam menos.

Outro fato importante ocorreu na China, com o país anunciando diversos estímulos para sua economia, que há alguns anos não cresce nas taxas de dois dígitos que crescia no passado, com alguns setores enfrentando fortes ajustes, como o setor de construção e educação. A China, apesar de tudo, é um player relevante no xadrez mundial, mas com crescimento desacelerando pode perder espaço para outros países. A bola da vez é a Índia.

Outro evento importante do mês, embora com pouca representatividade nos ativos, foi a escalada da guerra entre Israel e os grupos terroristas Hezbollah e Hamas, que além do

custo humanitário pode escalar para conflitos piores e impactar a economia mundial, embora ainda se encontre bem regionalizado.